

CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO - UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

THAYNÁ LEITE DE OLIVEIRA

**CONTRIBUIÇÕES DA ENFERMAGEM PARA O SUCESSO DA PRÁTICA DO
ALEITAMENTO MATERNO DE MÃES ADOLESCENTES: REVISÃO
INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Juazeiro do Norte - CE
2020

CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO - UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM

THAYNÁ LEITE DE OLIVEIRA

**CONTRIBUIÇÕES DA ENFERMAGEM PARA O SUCESSO DA PRÁTICA DO
ALEITAMENTO MATERNO DE MÃES ADOLESCENTES: REVISÃO
INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Graduação em Enfermagem do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, como requisito parcial para a obtenção de título de bacharel em enfermagem.

Orientadora: Prof^ª. Esp. Nadja França Menezes da Costa

Juazeiro do Norte - CE
2020

THAYNÁ LEITE DE OLIVEIRA

**CONTRIBUIÇÕES DA ENFERMAGEM PARA O SUCESSO DA PRÁTICA DO
ALEITAMENTO MATERNO DE MÃES ADOLESCENTES: REVISÃO
INTEGRATIVA DA LITERATURA**

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Graduação em Enfermagem do
Centro Universitário Doutor Leão Sampaio,
como requisito para obtenção do grau de
Bacharel em Enfermagem.

Orientador (a): Prof^ª. Esp. Nadja França Menezes da
Costa

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Esp. Nadja França Menezes da Costa

Orientadora

Prof^ª. Allya Mabel Dias Viana

Examinador 1

Prof^ª. Ms. Maria Jeanne de Alencar Tavares

Examinador 2

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois ele foi meu alicerce e meu guia ao longo de toda minha caminhada e ao meu pai Joseilton (em memória) que sempre me incentivou aos estudos e me ensinou a nunca desistir dos meus sonhos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por sempre guiar todos os meus passos, por aliviar as minhas angústias quando me senti aflita e ter me dado saúde e forças, para enfrentar todos os obstáculos que encontrei pelo caminho.

Aos meus pais, Roseane Leite dos Santos e Joseilton Luis de Oliveira (em memória), que apesar de todas as dificuldades, me ajudaram na realização do meu sonho, sempre ao meu lado, acreditando e torcendo pela minha vitória. Sou grata por todo amor, dedicação e apoio dispensados a mim, sem vocês nada disso seria possível.

Aos meus amigos que a faculdade me deu para vida toda, Tayline, Guilherme e Stefanny, muito obrigada por todo companheirismo, ajuda, carinho e momentos de alegria e descontração.

Agradeço à minha orientadora Nadja França Menezes da Costa, por toda dedicação, paciência, por todos os conhecimentos e ensinamentos compartilhados. Com toda certeza a senhora foi de grande importância para realização desse trabalho, obrigada por tudo!

Por fim, agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para que eu chegasse até aqui

RESUMO

De OLIVEIRA, T. L. **Contribuições da enfermagem para o sucesso da prática do aleitamento materno de mães adolescentes: revisão integrativa da literatura.** 2020. 27 f. Monografia - Centro Universitário Doutor Leão Sampaio, Juazeiro do Norte, Ceará, 2020.

A amamentação apresenta inúmeros benefícios para a saúde da criança, mulher-mãe, família, sociedade e planeta, se constituindo em uma prática importante. Entretanto, recebe influências culturais, sociais e econômicas, resultantes das condições concretas em que a mulher-mãe-nutriz vive e que, na situação especial de ser adolescente, pode resultar no desmame. Este estudo teve como objetivo entender como o enfermeiro pode auxiliar no processo de amamentação de mães adolescentes. O presente trabalho se constitui em uma revisão integrativa de literatura científica e para coleta dos materiais foram utilizadas as bases de dados da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scielo, LILACS e Google acadêmico. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão e leitura dos resumos, resultou-se nove artigos científicos para análise. Diante dos resultados, observou-se que os artigos tratavam de três temáticas principais: autoeficácia da amamentação por mães adolescentes, apoio recebido e fatores relacionados a amamentação exclusiva. Percebe-se a necessidade de orientação e apoio adequados dos profissionais de saúde e da família da adolescente, para a promoção do aleitamento materno e prevenção do desmame precoce.

Descritores de assunto: Aleitamento materno; Adolescência; Assistência de enfermagem

ABSTRACT

Breastfeeding has numerous benefits for the health of the child, woman-mother, family, society and the planet, constituting an important practice. However, it receives cultural, social and economic influences, resulting from the concrete conditions in which the woman-mother-nursing mother lives and which, in the special situation of being a teenager, can result in weaning. This study aimed to understand how nurses can assist in the breastfeeding process of adolescent mothers. This study constitutes an integrative review of scientific literature and for the collection of materials the databases of the Virtual Health Library (VHL), Scielo, LILACS and Google academic were used. After applying the inclusion and exclusion criteria and reading the abstracts, nine scientific articles resulted for analysis. In view of the results, it was observed that the articles dealt with three main themes: self-efficacy of breastfeeding by adolescent mothers, support received and factors related to exclusive breastfeeding. There is a need for adequate guidance and support from health professionals and the adolescent's family, to promote breastfeeding and prevent early weaning.

Keywords: Breastfeeding; Adolescence; Nursing care

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AME	Aleitamento materno
AME	Aleitamento materno exclusivo
DATASUS	Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde
OMS	Organização mundial de saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TCPE	Termo de Consentimento Pós Esclarecido
UNILEÃO	Centro Universitário Doutor Leão Sampaio
UTIN	Unidade de Terapia Intensiva Neonatal

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fluxograma metodologia estruturada	16
Quadro 1 - Distribuição dos artigos de acordo com o título, autores, objetivo, método e conclusão.	17

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVO	12
3 METODOLOGIA.....	13
4 MARCO TEÓRICO.....	14
4.1 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA	14
4.2 ALEITAMENTO MATERNO	15
4.3 AMAMENTAÇÃO E MÃES ADOLESCENTES.....	16
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	18
6 CONCLUSÃO.....	23
REFERÊNCIAS	24

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo as contribuições do profissional da enfermagem no aleitamento materno diante do cenário da maternidade na adolescência. A etapa da adolescência já é por si só delicada, quando acompanhada de uma gravidez indesejada, se torna ainda mais difícil. As jovens grávidas passam a enfrentar uma dupla adversidade: a “crise da adolescência” e a “crise da gravidez”, que exigem arranjos psicológicos, individuais e familiares de difícil aceitação (CARVALHO, 2018).

A gestação precoce geralmente pode resultar em sérias implicações, tais como riscos para o feto e para a mãe, evasão escolar, abandono dos projetos de vida, conflitos familiares, discriminação social e afastamento de grupos de convivência (TAVEIRA; ARAÚJO, 2019). A gestação e a adolescência, sejam elas concomitantes ou não, são etapas com especificidades diversas que correspondem a um universo de mudanças internas e externas (MESQUITA et al., 2016).

Com o passar do tempo percebeu-se a necessidade de ampliar a percepção da mulher grávida e no processo de aleitamento materno, visto que a mesma é um ser biopsicossocial, singular e que precisa ser entendida de uma maneira holística com uma visão multiprofissional (MESQUITA et al., 2016).

O aleitamento materno é um fenômeno complexo influenciado por alterações hormonais e mecanismos de adaptação, sua prática é essencial para a saúde materno-infantil, com respaldo científico demonstrando que o leite materno corresponde ao alimento mais adequado para a criança, do nascimento até os primeiros anos de vida, tal prática beneficia a saúde das crianças e das mães (MESQUITA et al., 2016; CONDE et al., 2017).

Assim sendo, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda a prática do aleitamento materno exclusivo (AME) até os seis meses de vida, passado este período, outros alimentos como frutas e papinhas devem complementar a amamentação até a criança completar 2 anos ou mais, tal prática refletirá diretamente no crescimento e desenvolvimento do lactante (OMS, 2009).

As evidências científicas têm mostrado os inúmeros benefícios do aleitamento para o binômio mãe-filho. O leite materno combate doenças infecciosas, respiratórias, gastrintestinais, cardiovasculares e alérgicas, além disso promove o crescimento da criança e o desenvolvimento motor e cognitivo (MARANHÃO et al., 2015).

O aleitamento traz vantagens também para a mãe, como a redução da incidência de câncer de mama e de ovário, combate à osteoporose, auxílio na perda de peso pós-parto, além de funcionar como contraceptivo natural com 98% de eficácia (BRASIL, 2009).

É sabido os diversos benefícios que a amamentação exclusiva gera para a criança e o bebê. Apesar disso, tem se tornado cada vez mais comum, principalmente entre mães adolescentes, o desmame precoce e a introdução da alimentação artificial (MESQUITA et al., 2016).

O desmame precoce associado de mães adolescentes pode ser explicado por alguns fatores, como o poder aquisitivo e nível de instrução inferior ao das mães adultas ou o retorno da lactante à escola (SOUZA et al., 2012). Além dessas condições citadas, a mãe jovem precisa lidar com outras questões inerentes a própria adolescência: mudanças hormonais, crescimento físico acelerado, desenvolvimento sexual, novas e complexas emoções e evolução das relações pessoais (TAVEIRA; ARAÚJO, 2019).

Os enfermeiros, enquanto profissionais da saúde que realizam o pré-natal das adolescentes, são fundamentais neste processo, devendo incentivá-las e orientá-las quanto à importância do aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida do recém-nascido. A orientação quanto à amamentação deve ser realizada de modo que estimule à mãe a amamentar seu filho, pelas inúmeras vantagens conhecidas do aleitamento no binômio mãe-filho (MARANHÃO et al., 2015).

Assim, o presente estudo pretende, por meio de uma revisão bibliográfica integrativa, compreender como o enfermeiro pode auxiliar no processo de amamentação de mães adolescentes, incentivando o aleitamento materno exclusivo e prevenindo o desmame precoce.

2 OBJETIVO

Compreender como o enfermeiro pode auxiliar no processo de amamentação de mães adolescentes, incentivando o aleitamento materno exclusivo e prevenindo o desmame precoce.

3 METODOLOGIA

Para atingir o objetivo proposto, o presente estudo desenvolveu-se por meio de uma revisão integrativa da literatura, esse método fundamenta-se em permitir a síntese de conhecimento e incorporação dos resultados de estudos significativos na prática fundamentada em conhecimento científico, com resultados de qualidade e com custo efetividade. Este tipo de trabalho é considerado uma das melhores formas de iniciar um estudo, onde se procura as semelhanças e diferenças nos artigos encontrados (SOUSA et al., 2017).

A realização da revisão integrativa ocorreu por etapas, onde a primeira fase foi a formulação da pergunta norteadora, seguido pelo estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão para a seleção do *corpus* dos artigos a serem analisados, a categorização e avaliação dos estudos, interpretação dos resultados e apresentação da revisão.

A pergunta norteadora que amparou o desenvolvimento deste estudo é: como o enfermeiro pode auxiliar no processo de amamentação de mães adolescentes?

Essa revisão foi realizada nos meses de março a outubro de 2020, para a busca dos artigos foram utilizadas as seguintes bibliotecas e bases de dados eletrônicas: Biblioteca Virtual em Saúde (BVSsalud), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e Scholar Google, utilizando os seguintes Descritores em Ciências da Saúde (DeCS), e estratégia de busca: (“Aleitamento materno” AND “Adolescência” AND “Assistência de enfermagem”)

Foram empregados os seguintes critérios de inclusão: apresentação no idioma português, artigos completos com acesso gratuito, bem como documentos publicados no recorte temporal de 2010 a 2020. Contudo, foram excluídos os artigos que não apresentaram relação com o tema proposto, monografias, teses e dissertações, artigos incompletos.

Os estudos incluídos para a síntese qualitativa foram categorizados de acordo com a temática proposta, utilizando-se de um quadro de amarração teórica para detalhar os achados e assim realizar sua interpretação. A extração dos dados relevantes dos artigos foi alojada em um quadro dispondo do número de ordem dos artigos, bem como o título do artigo, autor(es), objetivo, método, conclusão e ano de publicação, para fim de uma melhor visualização e organização das discussões.

A pesquisa está amparada pelo Manual do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2014) que pauta sobre a Revisão Bibliográfica Integrativa.

4 MARCO TEÓRICO

4.1 GRAVIDEZ NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência, etapa compreendida dos 10 aos 19 anos, correspondendo ao período de transição entre a infância e a vida adulta, caracteriza-se pelo desenvolvimento físico, social, cognitivo, emocional e sexual, fazendo-se necessário uma maior atenção nas políticas, programas e planos nacionais de desenvolvimento (OPAS, 2018).

Esta é uma etapa que envolve inúmeras mudanças hormonais, físicas e psicossociais. Dentre os riscos aos quais essa população está exposta, o fenômeno da gravidez na adolescência é compreendido como um processo que repercute de forma ampla sobre o desenvolvimento biopsicossocial do adolescente (MAZZA et al., 2015). A gestação precoce geralmente pode resultar em sérias implicações, tais como riscos para o feto e para a mãe, evasão escolar, abandono dos projetos de vida, conflitos familiares, discriminação social e afastamento de grupos de convivência (TAVEIRA; ARAÚJO, 2019).

Ainda segundo esses autores embora haja, mundialmente, uma redução na prevalência de adolescentes grávidas em países subdesenvolvidos, todos os anos, em torno de 16 milhões de meninas com idades compreendidas entre 15 e 19 anos e cerca de um milhão de meninas menores de 15 anos tornam-se mães. De acordo com o DATASUS (Departamento de Informática do SUS), órgão da Secretaria Executiva do Ministério da Saúde, por volta de 19% dos nascidos vivos no Brasil em 2014 tinham mães na faixa etária entre 10 e 19 anos. (BRASIL, 2014).

A gestação e a adolescência, sejam elas concomitantes ou não, são etapas com especificidades diversas que correspondem a um universo de mudanças internas e externas (MESQUITA et al., 2016). A gestação na adolescência é, de uma maneira geral, enfrentada com dificuldade porque a gravidez, nessas condições, significa uma rápida passagem da situação de filha para mãe, do querer colo para dar colo. Nessa transição abrupta do papel de menina para o de mulher e mãe, a adolescente vive uma situação conflituosa e, em muitos casos, penosa (TAMARA et al., 2015).

A grande maioria das adolescentes apresentam despreparo físico, social, psicológico, e econômico para exercer esse novo papel materno, o que compromete as condições para assumir adequadamente os cuidados com o bebê. Tal despreparo faz com que muitas adolescentes abandonem seus estudos ou mesmo fujam de casa (MOREIRA et al., 2013).

Vale ressaltar que a maioria das mães adolescentes não estão totalmente preparadas para assumir a responsabilidade de serem mães, para cuidarem de seus bebês de forma integral e suprir suas necessidades, e um fator primordial desse cuidado é a amamentação (TAVEIRA; ARAÚJO, 2019). O aleitamento materno de mães adolescentes, de forma especial nos primeiros meses de vida, promove o valioso contato mãe-filho; sendo assim algo de extrema importância que pode contribuir para o adequado desenvolvimento da criança e o bom relacionamento materno-infantil (SILVA; MORAES, 2011).

4.2 ALEITAMENTO MATERNO

Com o passar do tempo percebeu-se a necessidade de ampliar a percepção da mulher grávida e no processo de aleitamento materno, visto que a mesma é um ser biopsicossocial, singular e que precisa ser entendida de uma maneira holística com uma visão multiprofissional (MESQUITA et al., 2016).

As evidências científicas demonstram que o leite materno é o alimento mais completo e adequado para a criança, desde o nascimento até os primeiros anos de vida, contribuindo para a saúde das crianças e das mães, além dos benefícios para a família e para a sociedade (CONDE et al., 2017).

Devido a estas evidências, a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde (MS) brasileiro recomendam que todos os bebês recebam aleitamento materno exclusivo (AME) até o sexto mês de vida e, após este período, a amamentação deve ser complementada com outros alimentos até 2 anos ou mais (OMS, 2009).

Os índices de aleitamento materno (AM) melhoraram significativamente nas últimas décadas no Brasil, corroborando para a redução da mortalidade infantil no país. Apesar desta constatação, a prevalência do aleitamento materno exclusivo permanece abaixo do recomendado pela OMS (OMS, 2009; BRASIL, 2009).

O leite materno é um alimento completo e natural que oferece vantagens a curto e longo prazo tanto para a mãe quanto para o recém-nascido, sendo raros os casos onde o bebê não se adequa ao alimento. O aleitamento adequado proporciona inúmeros benefícios como: prevenção de infecções gastrintestinais, urinárias e respiratórias; contém também efeito protetor sobre alergias especialmente sobre proteínas do leite de vaca, dando uma melhor aceitação a outros alimentos; e a longo prazo pode prevenir doenças como diabetes e linfomas (MESQUITA et al., 2016).

A amamentação, porém, depende de diversos fatores que podem influir positiva ou negativamente no seu sucesso. Preocupações maternas como questões estéticas envolvendo os seios, retorno ao mercado de trabalho após o parto, primiparidade, crenças errôneas de que o leite materno é insuficiente ou a recusa da criança a mamar, ausência do apoio do parceiro e dificuldades em amamentar nos primeiros dias podem levar ao desmame precoce (MARANHÃO et al., 2015).

4.3 AMAMENTAÇÃO E MÃES ADOLESCENTES

A maternidade é uma vivência complexa que acarreta novas rotinas à adolescente, entre estas, encontra-se o desafio do aleitamento materno. Para a mãe adolescente, a amamentação pode apresentar-se como um grande desafio, pois além de ter que lidar com as mudanças e adaptações intrínsecas da adolescência (mudanças hormonais, crescimento físico rápido, desenvolvimento sexual, novas e complexas emoções, desenvolvimento das capacidades cognitivas, intelectuais e morais e mudança das relações com seus pares e famílias), ela terá que desenvolver seu papel materno que, naturalmente, inclui a prática do aleitamento materno (OMS, 2014; TAVEIRA; ARAÚJO, 2019) .

É sabido que o recém-nascido de uma mãe adolescente tem chance aumentada de ser prematuro ou de baixo peso, motivos suficientes para aumentar sua morbimortalidade neonatal e pós-neonatal. Por outro lado, o aleitamento materno (AM) reduz a morbidade e a mortalidade infantis pela proteção que oferece à criança contra uma série de enfermidades potencialmente letais, como as doenças respiratórias, a desnutrição e as diarreias (ISSP, 2018, p. 105).

O aleitamento materno é um processo desafiador para as mães adolescentes, pois embora seja um processo natural, amamentar não é um ato apenas instintivo, requer um aprendizado e, por isso, necessita de prática e tempo para ser aprimorado, sendo uma forma de contato íntimo e de proteção entre a mãe e o recém-nascido, apresentando inúmeras vantagens para ambos (TAMARA et al., 2015).

Preocupação com a estética, como flacidez e ptose mamárias, retorno aos estudos e/ou ao mercado de trabalho, inexperiência acrescida da falta de apoio do parceiro, falsas crenças, como leite insuficiente, dificuldade em amamentar nos primeiros dias, entre outros, podem levar ao desmame precoce (ISSP, 2018).

O desmame precoce está relacionado também ao baixo nível educacional e socioeconômico das puérperas adolescentes, à dificuldade de acesso a informações sobre aleitamento materno e à falta de apoio de pessoas ligadas a elas e de profissionais de saúde (CONDE et al., 2017). Além disso, o medo de sentir dor, a dificuldade da amamentação e até o embaraço diante de uma exposição pública também pode se constituir em barreira e influenciar negativamente a decisão da adolescente sobre o AM (ISSP, 2018).

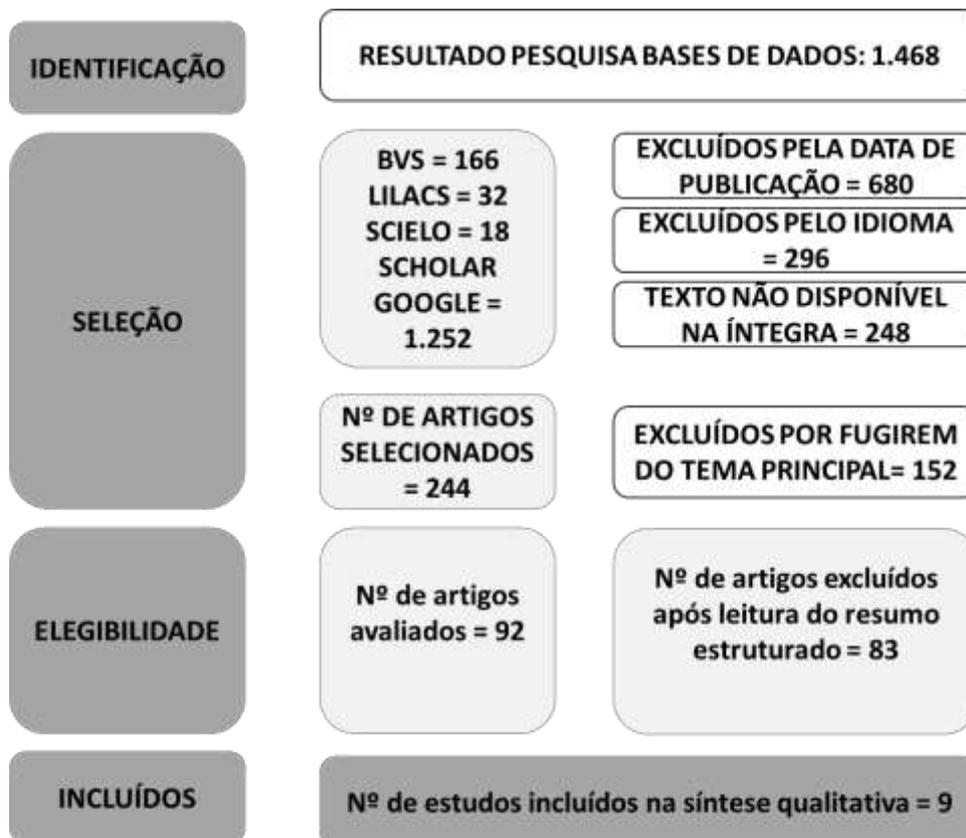
Mazza e colaboradores (2015) apontaram que o apoio familiar é primordial para o sucesso da amamentação entre as adolescentes, assim, quando esse estímulo não ocorre ou é insuficiente, a introdução de alimentação complementar é bastante precoce. Durante o processo de amamentar da adolescente, as opiniões de seu companheiro e de sua mãe podem ser determinantes para a decisão da continuidade do aleitamento exclusivo ou a inserção de novos alimentos na dieta de seu filho (MAZZA et al., 2015).

É também responsabilidade dos profissionais da saúde que realizam o pré-natal das adolescentes incentivá-las e orientá-las quanto à importância do aleitamento materno exclusivo até o sexto mês de vida do recém-nascido. A orientação quanto à amamentação deve ser realizada de modo que estimule à mãe a amamentar seu filho, pelas inúmeras vantagens conhecidas do aleitamento no binômio mãe-filho (MARANHÃO et al., 2015).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Essa revisão integrativa teve como amostra final nove artigos científicos, pois com base nos cruzamentos dos descritores selecionados e após utilização dos critérios de inclusão e exclusão a busca resultou no total de 244 artigos, 152 foram excluídos por fugirem do tema principal, resultando em 92 artigos avaliados e após leitura do resumo estruturado, restaram 9 artigos que se adequaram aos critérios de elegibilidade. Os artigos selecionados para análise foram agrupados em um quadro contendo título, objetivo, método, conclusão e o ano de publicação.

Figura 01: Fluxograma metodologia estruturada



Quadro 01: Distribuição dos artigos de acordo com o título, autores, objetivo, método e conclusão.

ARTIGO	AUTOR/ANO	DELINEAMENTO	RESULTADOS/CONCLUSÃO
Artigo 1 - Autoeficácia na amamentação e duração do aleitamento materno exclusivo entre mães adolescentes	CONDE et al. (2017)	Estudo observacional do tipo analítico, longitudinal prospectivo	56,90% das participantes apresentaram alto nível de autoeficácia para amamentar. A prevalência AME foi de 62% em 30 dias, 52,59% em 60 dias e 16% em 180 dias pós-parto. Não houve associação significativa entre a confiança com a duração do aleitamento materno exclusivo.
Artigo 2 - Fatores associados ao aleitamento materno exclusivo entre mães adolescentes	MARANHÃO et al. (2015)	Estudo quantitativo, do tipo observacional	Afirmaram amamentar a criança 88,2% das adolescentes, apenas 38,2% amamentavam exclusivamente no terceiro mês pós-parto. Adolescentes que estudavam apresentaram chances 14% maiores de terem interrompido o aleitamento exclusivo três meses pós-parto. O recebimento de suporte para cuidados de si e da criança aumentou em três vezes as chances de manter o aleitamento exclusivo.
Artigo 3 - Aleitamento materno na perspectiva de mães adolescentes: contribuições para Atenção Primária à Saúde	TAVEIRA; ARAÚJO (2019)	Estudo qualitativo de abordagem interpretativa	As entrevistadas discorrem que, em meio a reações (de responsabilização, preconceito, autoestima melhorada, restrição social e vínculo mãe-bebê), receberam algum apoio na amamentação e reconhecem sua importância. Porém, relataram ainda muitas dificuldades.
Artigo 4 - A interferência relativa das avós no aleitamento materno de suas filhas adolescentes	QUEIROZ; ZANOLLI; MENDES (2016)	Estudo qualitativo de caráter exploratório	As avós mostraram-se presentes na amamentação de seus netos desde os momentos iniciais até a introdução de alimentos complementares. Suas experiências pessoais de sucesso no aleitamento materno foram importantes para a construção do apoio à nutriz adolescente. Com passar do tempo, as avós se posicionaram na retaguarda, permitindo que as adolescentes assumissem a responsabilidade de principais cuidadoras dos bebês.
Artigo 5 - Perfil das nutrizes adolescentes e características relacionadas ao aleitamento	ARRUDA et al. (2018)	Pesquisa quantitativa transversal, com abordagem exploratória e descritiva	O tempo de aleitamento materno exclusivo (n=101; 44,44%) entre as mães entrevistadas foi aquém do preconizado. Fissura/dor mamilar (n=35; 21,47%) e pouco leite (n=26; 15,95%) foram os fatores mais

materno em uma cidade do sul do Brasil			citados que dificultaram ou impediram o aleitamento materno.
Artigo 6 - O processo da amamentação na adolescência: vivências rememoradas por mulheres	CREMONESE et al. (2016)	Estudo descritivo de abordagem qualitativa	Após a análise, emergiram os núcleos de sentido: 1) Valor do aleitamento materno: saberes construídos e conhecimentos prévios; 2) Sentimentos de satisfação relacionados com a prática da amamentação e o apoio recebido: "amamentar é uma experiência única"; e 3) Amamentar enquanto adolescente: persistência, necessidade financeira e transformações corporais.
Artigo 7 - Apoio recebido por mães adolescentes no processo de aleitamento materno	TAMARA et al. (2017)	Estudo descritivo de abordagem qualitativa	O conhecimento sobre o aleitamento materno advém da observação de mulheres com quem as adolescentes conviviam e de experiências anteriores. Algumas referiram seus benefícios, embora de forma sucinta e remetidos apenas à saúde da criança. Evidenciou-se uma lacuna em relação às orientações dos profissionais da saúde no pré-natal e puerpério
Artigo 8 - Fatores relacionados à autoeficácia na amamentação no pós-parto imediato entre puérperas adolescentes	GUIMARAES et al. (2017)	Estudo observacional, transversal e descritivo	Os níveis de autoeficácia mais elevados estavam associados às variáveis: ter apoio da mãe ou da sogra no pós-parto ($p=0,0083$), amamentar na primeira hora de vida ($p=0,0244$) e estar em aleitamento materno exclusivo no momento da coleta de dados ($p=0,0148$).
Artigo 9 - Autoeficácia em amamentar entre mães adolescentes	BIZERRA et al. (2015)	Estudo transversal, com abordagem quantitativa	Os resultados apontaram elevada autoeficácia em amamentar (84%), com maior adesão aos itens: "Eu sempre percebo se o meu bebê está pegando o peito direitinho durante toda a mamada" (91%) e "Eu sempre sei quando o meu bebê terminou a mamada" (93%) e menor referente a alimentar o bebê sem usar leite em pó (18%) e amamentar na frente das pessoas (14%)

Os artigos foram selecionados e analisados, após a elaboração deste quadro que apresenta a síntese dos artigos incluídos, a discussão baseou-se em três tópicos mais comumente abordados nos artigos: Autoeficácia da amamentação por mães adolescentes, apoio recebido e fatores relacionados à amamentação exclusiva.

Conde et al. (2017) observaram que 56,90% das nutrizes adolescentes apresentaram alto nível de autoeficácia para amamentar. Este valor foi mais expressivo no estudo de Bizerra et al. (2015), no qual os resultados apontaram elevada autoeficácia em amamentar (84%). Grande parte das adolescentes lactantes estudadas realizaram as consultas de pré-natal, o que pode ter corroborado para o sucesso da amamentação, apesar disso, as nutrizes demonstraram déficit no que tange ao conhecimento sobre a importância da amamentação para a saúde do binômio mãe e bebê, além de menor escore de autoeficácia quanto à complementação de leite em pó para o bebê e quanto a prática de amamentação em ambiente público (BIZERRA et al., 2015).

Corroborando com o encontrado por Bizerra et al. (2015), um estudo realizado com mães de diversas idades em Santa Maria - RS, relatou 261 nutrizes (81%) apresentaram autoeficácia alta e 61 (19%) apresentaram autoeficácia média (RODRIGUES et al., 2014).

Guimarães et al. (2017) constataram que os níveis de autoeficácia da amamentação mais elevados estavam associados às variáveis; amamentar na primeira hora de vida; e estar em aleitamento materno exclusivo no momento da coleta de dados e ter apoio da mãe ou da sogra no pós-parto. Queiroz; Zanolli e Mendes (2016), relataram que as avós entrevistadas em seu estudo, mostraram-se presentes na amamentação de seus netos desde os momentos iniciais até a introdução de alimentos complementares, além disso, as experiências pessoais de sucesso das avós na AME foram importantes para a construção do apoio à nutriz adolescente, contribuindo para a autoeficácia da amamentação.

Maranhão et al. (2015) relataram um importante achado: o recebimento de suporte para cuidados de si e da criança aumentou em três vezes as chances de as nutrizes adolescentes conseguirem manter o aleitamento exclusivo. Em consonância, as entrevistas por Taveira e Araújo (2019) discorreram sobre a importância do apoio recebido durante a amamentação, mas ainda assim, relataram muitas dificuldades.

Margotti & Viegas (2019) apontaram que 69% dos companheiros entrevistados incentivavam ao aleitamento, uma parte dos companheiros, representada por 19%, ainda não estimulavam o AME, dando preferência às fórmulas infantis ou a alimentação mista. Alguns dos motivos relatados pelos mesmos foram: a facilidade de preparo e de administração das fórmulas lácteas, o fato de acharem que a sucção da criança não é eficaz e outros por não terem contato com a mãe. Por fim, 12% das entrevistadas não possuíam contato com o pai da criança (MARGOTTI; VIEGAS, 2019).

Apesar de todas as evidências, os índices de aleitamento materno no Brasil e no mundo não têm atingido os patamares indicados pela OMS. Houve crescimento global da prevalência tanto do aleitamento materno como da introdução adequada de alimentação complementar entre

1990 e 2004 e a prevalência do aleitamento materno exclusivo (AME) cresceu de 34 para 39%, com maior aumento nos meses iniciais de vida, em áreas urbanas brasileiras (OMS, 2009).

A presente revisão de literatura mostrou que o AME é inversamente proporcional com o tempo de vida da criança. De acordo com a OMS o termo “Aleitamento materno exclusivo” é empregado quando a criança recebe apenas leite materno, direto da mama ou ordenhado, ou leite humano de outra mulher, sem outros líquidos ou sólidos, com exceção de gotas ou xaropes contendo vitaminas, sais de reidratação oral, suplementos minerais ou medicamentos.

Conde e colaboradores (2017), ao pesquisar a duração do aleitamento materno exclusivo entre mães adolescentes, observaram uma prevalência de 62% em 30 dias, 52,59% em 60 dias e 16% em 180 dias pós-parto. Ao passo que Maranhão et al. (2015) relataram que apenas 38,2% amamentavam exclusivamente no terceiro mês pós-parto, as adolescentes que ainda estudavam apresentaram chances 14% maiores de terem interrompido o aleitamento exclusivo três meses pós-parto.

A idade materna corresponde a um dos fatores que podem influenciar a duração do aleitamento materno. Para as adolescentes, a associação da idade com fatores pessoais aumenta o risco de desmame precoce, quando comparadas às mulheres adultas (GUIMARÃES et al., 2017).

Arruda e colaboradores (2018) referem que o AME das mães entrevistadas foi de 44,44%, notando que o tempo de AME possui associação direta com orientações recebidas sobre o Aleitamento Materno (AM), assim, mães que recebem orientações sobre AM no pré-natal aprendem a lidar com possíveis intercorrências durante o AM, o que reduziria as chances de desmame precoce.

Dentre os fatores dificultadores ou impeditores do AM, houve maior prevalência de dor e fissura no mamilo, seguido de queixa de pouco leite (ARRUDA et al., 2018). Dados semelhantes foram encontrados por Marques et al. (2008), no qual 42% das mães entrevistadas relataram dificuldade para amamentar, sobretudo dificuldade na pega do mamilo pelo bebê, fissura mamilar e leite insuficiente.

6 CONCLUSÃO

Através da análise da literatura acerca do tema, pode-se constatar que a prática do Aleitamento Materno, sobretudo o exclusivo (AME), ainda constitui um desafio para as nutrizes adolescentes. A autoeficácia para amamentar diverge entre os autores, mas em geral, apresenta números expressivos.

A prevalência do AME entre as mães adolescentes ainda se apresenta insatisfatória, corroborada por diversos fatores, inclusive aqueles inerentes à própria fase, sendo ainda, inversamente proporcional ao tempo de vida do lactente. É consenso entre os autores, que o suporte dado pela família para cuidados com o bebê e consigo, aumenta as chances de as nutrizes conseguirem realizar o AME.

Dessa forma, é primordial que o profissional de enfermagem atue junto às adolescentes puérperas, por meio de ações educativas, promovendo a saúde, sobretudo no que tange à explicação da importância do Aleitamento Materno exclusivo na saúde do bebê, prevenindo assim o desmame precoce.

O presente estudo fornece subsídios que podem auxiliar na construção e fomentação de estratégias e políticas públicas que incentivem a prática da amamentação e do AME até o sexto mês de vida da criança, como por exemplo a disponibilização de creches nas escolas e faculdades para que as alunas tenham onde deixar os filhos lactentes e para amamentá-los quando necessário.

REFERÊNCIAS

ARRUDA, G. T. de; WESCHENFELDER, A. J.; BRAZ, M. M.; PIVETTA, H. M. F. Perfil das nutrizes adolescentes e características relacionadas ao aleitamento materno em uma cidade do sul do Brasil. **Arq. Cienc. Saúde UNIPAR**, Umuarama, v. 22, n. 1, p. 23-26, jan./abr. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar**. Brasília, 2009.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva Departamento de Informática do SUS/DATASUS. **Informações de Saúde. Estatísticas Vitais. Nascidos Vivos**. 2014. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0205&id=6936&VObj=http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinasc/cnv/nv>> Acesso em 15 maio 2020.

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. 2. ed. – Brasília: Ministério da Saúde, 2018. 233 p.

BIZERRA, R. L.; CARNAÚBA, J. P.; CHAVES, A; F; L.; ROCHA, R. S.; VASCONCELOS, H. C. A. et al. Autoeficácia em amamentar entre mães adolescentes. **Revista eletrônica em enfermagem**, v. 17, n. 3, pp. 1-8, 2015.

CARVALHO, B. C. S. **Gravidez na adolescência: fatores determinantes e preventivos**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Enfermagem), 30 folhas, 2018.

CREMONESE, L.; WILHELM, L. A.; PRATES, L. A.; OLIVEIRA, G., BARRETO, C. N. et al. O processo da amamentação na adolescência: vivências lembradas por mulheres. **Revista de enfermagem UFPE online**, v. 10, n. 9, pp. 3284-3292, 2016

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Manual Revisão bibliográfica sistemática integrativa: a pesquisa baseada em evidências**. Grupo Ânima Educação, 63 p., 2014. Disponível em:<<http://biblioteca.cofen.gov.br/>>.

CONDE, R.G.; GUIMARÃES, C.M.S.; GOMES-SPONHOLZ, F.A.; ORIÁ, M.O.B.; MONTEIRO, J.C.S. Autoeficácia na amamentação e duração do aleitamento materno exclusivo entre mães adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.30, n.4, pp. 383-9, 2017.

GUIMARÃES, C.M.S.; GERMANO, R.C.; AZEVEDO, F. G. et al. Fatores relacionados à autoeficácia na amamentação no pós-parto imediato entre puérperas adolescentes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 30, n. 1, pp. 109-115, 2017.

IP, S.; CHUNG, M.; RAMAN, G.; CHEW, P.; MAGULA, N.; DEVINE, D. et al. Breastfeeding and maternal and infant health outcomes in developed countries. **Evid Rep Technol Assess (Full Rep)**, n. 153, pp. 1-153, 2007.

ISSP (Instituto de Saúde de São Paulo). **Adolescência e Saúde 4 - construindo saberes, unindo forças, consolidando direitos**. São Paulo: Instituto de Saúde, 290 p., 2018.

MARANHÃO, T.A.; GOMES, K.R.O.; NUNES, L.B.; de MOURA, L.N.B. Fatores associados ao aleitamento materno exclusivo entre mães adolescentes. **Caderno Saúde Coletiva**, v. 23, n. 2, pp. 132-139, 2015.

MARGOTTI, E.; VIEGAS, N. T. Autoeficácia do aleitamento materno em adolescentes do Norte brasileiro. **Revista Brasileira de Ciências da Saúde**, v. 23, n. 4, pp. 543-554, 2019.

MARQUES, R. F. S. V. et al. Fatores relacionados às dificuldades no aleitamento materno entre mães adolescentes da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará. **Rev. Para. Med.** v. 22, n. 1, p. 57-62, 2008.

MAZZA, V. A.; SILVA, D. I.; GONÇALVES, J. B. et al. Representações sociais das nutrizes adolescentes sobre a amamentação. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 2, pp. 2405-2414, 2015.

MESQUITA, A.L.; SOUZA, V.A.B.; MORAES-FILHO, I.M.; SANTOS, T.N.; SANTOS, O.P. Atribuições de enfermeiros na orientação de lactantes acerca do aleitamento materno. **Revista Científica Sena Aires**, v.5, n.2, pp. 158-170, 2016.

MOREIRA, M. A, NASCIMENTO, E. R, PAIVA, M. S. Representações sociais de mulheres de três gerações. **Texto Contexto Enfermagem**, v. 22, n. 2, pp. 432-441, 2013.

OPAS. **Ação Global Acelerada para a Saúde de Adolescentes (AA-HA!): Guia de orientação para apoiar a implementação pelos países**. Washington, DC: Organização Pan-Americana da Saúde; 2018.

QUEIROZ, P. H. B.; ZANOLLI, M. L.; MENDES, R. T. A interferência relativa das avós no aleitamento materno de suas filhas adolescentes. **Revista Brasileira de Promoção a Saúde**, v. 29, n. 2, pp. 253-258, 2016.

RODRIGUES, A. P.; PADOIN, S. M. M.; GUIDO, L. A.; LOPES, L. F. D. Fatores do pré-natal e do puerpério que interferem na autoeficácia em amamentação. **Esc. Anna Nery**, v. 18, n.2, pp. 257-261, 2014.

SILVA, P. S; MORAES, M. S. Caracterização de parturientes adolescentes e de seus conhecimentos sobre amamentação. **Arq Ciênc Saúde**, v.18, n.1, pp. 28-35, 2011.

SOUSA, L. M.; MARQUES-VIEIRA, C. M. A.; SEVERINO, S. S. P.; ANTUNES, A. V. A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. **Revista Investigação em Enfermagem**, pp. 17-26, 2017.

SOUZA, S.N.D.H.; MIGOTO, M.T.; ROSETO, E.G.; MELLO, D.F. Prevalência de aleitamento materno e fatores associados no município de Londrina-PR. **Acta Paulista de Enfermagem**, n.25, v.1, pp. 29-35, 2012.

TAMARA, L.B.; SEHNEM, G.D.; LIPINSKI, J.M et al. Apoio recebido por mães adolescentes no processo de aleitamento materno. **Revista de enfermagem UFPE online**, v. 11, n. 4, pp. 1667-1675, 2017.

TAVEIRA, A.M.; ARAÚJO, A. Aleitamento materno na perspectiva de mães adolescentes: Contribuições para atenção primária à saúde. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, v. 9, 2019.

World Health Organization (WHO). United Nations Children's Fund. **Baby-friendly hospital initiative: revised, updated and expanded for integrated care**. Section1, Background and implementation. Geneva: WHO; 2009.